

## APRESENTAÇÃO DOSSIÊ

**Título:** *Brasília(s): do ideal modernista às suas contradições*

**Organização:** Haydée Caruso (UnB)<sup>1</sup> & Cyntia Cristina de Carvalho e Silva (UnB)<sup>2</sup>

O presente dossiê é fruto do diálogo teórico-metodológico construído a partir da disciplina de Sociologia Urbana, ofertada em 2022 pela professora Haydée Caruso no Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGSOL da Universidade de Brasília.

A disciplina foi ministrada na alegria da retomada das aulas presenciais, interrompidas em decorrência da pandemia da Covid-19. Assim, o espaço de leituras e de trocas acadêmicas propiciou o diálogo criativo e instigante entre estudantes de diferentes áreas de conhecimento e lugares do Brasil, interessados em *decifrar Brasília*, a partir das contribuições dos estudos socioantropológicos.

A tessitura de textos que compõem este dossiê reflete a diversidade de áreas envolvidas nessa atividade acadêmica que extrapolou as aulas teóricas e empíricas, tanto no Plano Piloto quanto nas Regiões Administrativas que compõem o DF.

Desta forma, estudantes de Sociologia, Antropologia, Educação, Direito, Arquitetura & Urbanismo foram mobilizados a discutir conceitos como *sociabilidades, espacialidades, territorialidades, segregação socioespacial, gentrificação*, entre outros, com o intuito de explorar – por meio dos artigos selecionados, bem como das experimentações de campo realizadas – um conjunto de ferramentas necessárias para compreender Brasília, enquanto ambição política, econômica, social, cultural e simbólica.

Os textos aqui apresentados cotejam, portanto, desde o ideal modernista, como o mito fundador, até as idiossincrasias que forjam cotidianamente as múltiplas Brasília(s) existentes. Refletir sobre os processos sincrônicos e diacrônicos, enquanto chaves de interpretação sociológica, foram igualmente relevantes para acompanhar como ao longo do tempo e do espaço a marca da segregação planejada sempre esteve presente no tecido urbano da Nova Capital. Mesmo assim, ela se reinventa *a partir e para além* do que foi inicialmente proposto.

O “milagre Brasília”, chamado pelo próprio então Presidente Juscelino Kubitschek, à época da sua inauguração, em 21 de abril de 1960, verteu-se no *slogan* criado por ele, “*Brasília, a capital da Esperança*”, em que “*era chegado o momento de estabelecer o*

<sup>1</sup> Professora Associada do Departamento de Sociologia da UnB, doutora em Antropologia pela UFF e pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Violência e Segurança – NEVIS/UnB e do Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos – InEAC/UFF. E-mail: haydee@unb.br.

<sup>2</sup> Mestra e doutoranda em Sociologia – PPGSOL/UnB e pesquisadora do Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos – InEAC/UFF. E-mail: cyntiaccs@hotmail.com.

*equilíbrio do País, promover o seu progresso harmônio, prevenir o perigo de uma excessiva desigualdade no desenvolvimento das diversas regiões brasileiras, forçando o ritmo da interiorização*", tomando por empréstimo as expectativas do pensador francês André Malraux<sup>3</sup> (KUBITSCHKEK, 2019, p. 51).

Envolto por ideias modernistas aliadas aos conceitos de prosperidade, por meio do progresso integrativo do interior do país e do desenvolvimentismo traduzido pelo jargão *"vamos crescer o bolo para depois dividi-lo"*, seu discurso parece querer fundar artificialmente um novo pacto social, em que o passado escravocrata e colonial é deixado de lado em benefício de um suposto progresso, como se todos os(as) brasileiros(as), de fato, estivessem incluídos(as) no ideal proposto.

É relevante pensar que 63 anos depois, as promessas de JK se concretizaram somente em partes. Brasília é a terceira metrópole do país, segundo o Censo de 2022<sup>4</sup>, com 2,9 milhões de habitantes, sendo o terceiro *hub* de transporte aéreo do Brasil<sup>5</sup>, exatamente por sua posição central no continente e sua importância política e econômica. Entretanto, o *"progresso harmônico"* e linear não ocorreu. As marcas das desigualdades econômicas, sociais, culturais e, sobretudo, raciais estão presentes no cotidiano daqueles(as) que aqui vivem.

Se por um lado há pujança econômica e indicadores de desenvolvimento humano elevados em bairros nobres do Plano Piloto, por outro há o crescimento desordenado das então chamadas *cidades-satélites*, hoje Regiões Administrativas, que circundam a capital e que passam a existir sem infraestrutura nem planejamento (PAVIANI, 2010).

Ora *autoconstruídas* ora *doadas* pelo governante de ocasião, as cidades do DF nos desafiam a pensar em múltiplas dimensões. Todavia, duas delas nos interessam em particular no conjunto de artigos apresentados. A primeira, ao tratar sobre o processo de urbanização aqui existente, que se materializa cotidianamente no fato de Brasília ser simultaneamente território privilegiado para uns poucos e precariedade para muitos outros (PAVIANI, 2010; BORGES, 2014; PEREIRA, 2023). Em outra dimensão, está o interesse em visualizar melhor essa *"trama urbana"* (FARIAS & COUTO, 2019), que nos instiga a compreendê-la *a partir e através* *"das relações afetivas e simbólicas que diferentes indivíduos e grupos constroem em torno dos incontáveis 'lugares'"* (FARIAS & COUTO, 2019, p. 8) presentes neste espaço, entendido não só como físico, político e social, mas também como afetivo e produtor de saberes, memórias e pertencimentos.

Comparada com as grandes capitais, Brasília enfrenta desafios similares, que se traduzem em territórios racialmente segregados, quando tratamos do acesso à moradia, ao direito à cidade, à infraestrutura adequada, ao meio ambiente e aos bens e serviços

<sup>3</sup> BRASIL. Presidente (1956-1961). *Discursos selecionados do Presidente Juscelino Kubitschek*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009, p. 51.

<sup>4</sup> Divulgação dos resultados. **Censo 2022**. IBGE. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/etapas/divulgacao-dos-resultados.html>. Acesso em 29 abr. 2023.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://aviacaobrasil.com.br/ranking-de-aeroportos-brasileiros-passageiros/>. Acesso em: 29 abr. 2023.

públicos. Segundo o Mapa das Desigualdades (INESC, 2023), mais da metade da população se autodeclara preta e parda (57,4%) e está concentrada nas cidades que circundam o Plano Piloto. Interessante notar que das 32 Regiões Administrativas que até o momento constituem o DF, apenas 09 possuem população branca acima de 50%. O último relatório da OCDE aponta Brasília como uma das cidades mais desiguais do mundo<sup>6</sup>.

Por essa razão, investir no debate sobre as contradições que desafiam as diferentes cidades que a cerca foi o fio condutor que motivou os(as) jovens pesquisadores(as) da Universidade de Brasília a produzirem os 06 artigos que compõem esse dossiê. Todos apresentam diferentes ângulos de observação, recortes empíricos e abordagens teóricas diversas para tratar de questões que são candentes no debate contemporâneo sobre as muitas Brasília(s) simultaneamente existentes.

O primeiro artigo, intitulado *“O moderno e a Vila Amauri: a dicotomia do pensamento na construção de Brasília”*, do mestrando em Arquitetura & Urbanismo Átila Rezende, explora o papel do apagamento de determinadas ocupações existentes na fundação de Brasília, como o caso da Vila Amaury (1979-1960), localizada em terras baixas que tempos depois seria represada para se tornar o famoso Lago Paranoá. O autor analisa detidamente as maneiras como o Estado opera esse apagamento de modo a assegurar a imagem de nova Capital “livre” de cortiços, favelas e invasões que porventura tentassem aqui surgir.

O segundo artigo, *“Jovem, playboy e estudante não colam aqui”: a gentrificação na CLN 412/413 (Brasília/DF) enquanto contradições e coexistências*, é construído a partir do trabalho de campo realizado pelos autores Herbert Bachett, doutorando em Sociologia, e Rafael Oliveira, mestrando na mesma área. Mediante as observações em campo e das entrevistas episódicas realizadas, os autores passam a discutir a dinâmica microssocial desta quadra, buscando responder se há ou não um processo de gentrificação naquele contexto espacial, considerando suas distintas temporalidades e espacialidades.

Já em *“Pistas para uma investigação sobre as representações da cidade: Ceilândia e Planaltina em perspectiva”*, a mestrandona em Sociologia, Evellyn Caroliny de Jesus, se dedica a refletir sobre as representações destas cidades a partir de experimentação de campo realizada em ambos os contextos, bem como o acesso às poesias produzidas por seus moradores, no intuito de pensar sobre as vivências e os sentimentos suscitados pela vida urbana daqueles que habitam esses territórios. A análise traz a ideia de que a segregação não forma espaços estanques e há porosidades e interpenetrações entre centro e periferia, como indicado nas poesias analisadas. A autora mobiliza o arcabouço conceitual de Raymond Williams, em diálogo com alguns debates da Sociologia Urbana.

<sup>6</sup> Relatório publicado em 2018 que classifica as cidades mais segregadas no mundo, assim definidas pela localização de residências conforme a renda per capita. In: OECD (2018). *OECD Regions and Cities at a Glance 2018*. **OECD Publishing, Paris, out. 2018**. DOI: [https://doi.org/10.1787/reg\\_cit\\_glance-2018-38-en](https://doi.org/10.1787/reg_cit_glance-2018-38-en). Disponível em: [https://www.oecd-ilibrary.org/governance/oecd-regions-and-cities-at-a-glance-2018/income-segregation-in-cities\\_reg\\_cit\\_glance-2018-38-en](https://www.oecd-ilibrary.org/governance/oecd-regions-and-cities-at-a-glance-2018/income-segregation-in-cities_reg_cit_glance-2018-38-en). Acesso em: 10/05/2023

A seguir, João Neuen, mestrando em Antropologia, apresenta o artigo *"Reclassificando o DF: naturezas e culturas no plano modernista"*. Neste texto, o autor aborda duas questões caras às Ciências Sociais: a construção de espaços moralmente desiguais no contexto urbano e a discussão sobre as relações entre natureza e cultura para pensar a configuração sócio-espacial do DF. Nesse exercício de análise, o autor mobiliza o termo “vazio” como uma das categorias centrais para compreender de que modo, por meio de práticas discursivas, essa categoria é açãoada para organizar e classificar o espaço urbano, resultando em uma distribuição desigual de naturezas e grupos sociais, de maneira que beneficie as elites.

Por sua vez, o artigo *“Cercamentos sociais e assepsia urbanística: conceitos para pensar Brasília”*, Adriano Valente, mestrando em Sociologia, propõe analisar brevemente as estratégias utilizadas desde a abolição da escravidão no Brasil, que invisibilizavam negros e pobres, utilizando práticas higienistas para afastar essas populações do centro da cidade, por meio de políticas urbanísticas e de ordem pública. O autor argumenta que os conceitos de *cercamentos sociais* e *assepsia urbanística* podem ser de grande valia para pensar a concepção do projeto modernista de construção de Brasília, como mais uma etapa dessa trajetória histórica que marca as cidades brasileiras e suas desigualdades.

O último trabalho deste dossiê é da doutoranda em Sociologia Ana Kely de Lima Nobre, que em seu artigo *“A construção de cidades e a poluição ambiental: conexões analíticas entre o Distrito Federal e o Maranhão”* dedica-se a explorar dois estudos de caso realizados no âmbito do PPGSOL – UnB, a fim de demonstrar as formas de entendimento das populações em questão sobre os riscos decorrentes das atividades de mineração, suas práticas para lidar com a poluição no cotidiano, ou mesmo criar dispositivos para solucionar o problema em questão. Assim, a autora analisa o problema da poluição do ar decorrente da produção de cimento na Região Administrativa Fercal, uma das cidades mais pobres do DF, e o da contaminação por ferro gusa no bairro de Piquiá de Baixo, em Açailândia – MA. A análise empreendida toma como ponto de vista os moradores afetados, indicando tanto os riscos sensoriais da atividade quanto os riscos que já foram reconhecidos como maléficos à saúde. A partir daí, Ana Kely compara a organização dos habitantes locais em busca de seus direitos.

Assim, entendemos que Brasília, em suas múltiplas versões, nos convoca a empreender novas pesquisas e novas interpretações sociológicas. O presente dossiê é parte desse esforço e da nossa breve contribuição a partir da colaboração valorosa dos(as) jovens pesquisadores(as) que tornaram essa publicação possível. Boa leitura!

## Referências

BRASIL. Presidente (1956-1961). **Discursos selecionados do Presidente Juscelino Kubitschek.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009, p. 51.

BORGES, Antonadia. **Tempo de Brasília:** etnografando lugares-eventos da política. Ed. Relume Dumará, 2003.

Divulgação dos resultados. **Censo 2022.** IBGE. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/etapas/divulgacao-dos-resultados.html>. Acesso em 29 abr. 2023.

FARIAS, Edson Silva de; COUTO, Bruno Gontyjo do (org.). **Memórias e Identidades da Metrópole:** cartografando espaços de significações no Distrito Federal. Paco Editorial, 2019.

OECD (2018). **OECD Regions and Cities at a Glance 2018.** OECD Publishing, Paris, out. 2018. DOI: [https://doi.org/10.1787/reg\\_cit\\_glance-2018-38-en](https://doi.org/10.1787/reg_cit_glance-2018-38-en). Disponível em: [https://www.oecd-ilibrary.org/governance/oecd-regions-and-cities-at-a-glance-2018/income-segregation-in-cities\\_reg\\_cit\\_glance-2018-38-en](https://www.oecd-ilibrary.org/governance/oecd-regions-and-cities-at-a-glance-2018/income-segregation-in-cities_reg_cit_glance-2018-38-en). Acesso em: 10/05/2023

PAVIANI, Aldo (org.). **A conquista da cidade:** movimentos populares em Brasília. Brasília: Editora UnB, 2010.

PEREIRA, Natália. **A produção da cidade do Sol Nascente/Pôr-do-Sol/DF:** entre o tempo da autoconstrução e o tempo do planejamento urbano. 2023. Tese (doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, 2023.

Ranking de Aeroportos Brasileiros – Passageiros Embarcados. **Porta Aviação Brasil**, 25 mat. 2023. Disponível em: <https://aviacaobrasil.com.br/ranking-de-aeroportos-brasileiros-passageiros/>. Acesso em: 15/05/2023

RIBEIRO, Cristiane da Silva; MORONI, José Antônio; BEGHIN, Nathalie et al. **Mapa das desigualdades 2022.** Brasília: INESC, 2023. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.inesc.org.br/wp-content/uploads/2023/04/Mapa-das-desigualdades\\_Versao-digital.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.inesc.org.br/wp-content/uploads/2023/04/Mapa-das-desigualdades_Versao-digital.pdf). Acesso em: 10 abr. 2023.